

ESPERANÇA E DECADÊNCIA: AS IMAGENS DE PORTUGAL NA SEGUNDA SÉRIE DE A ÁGUIA¹

Paulo Fernando da Motta de OLIVEIRA

RESUMO Neste artigo analisamos as imagens de Portugal presentes na segunda série da revista *A Águia*, publicada de 1912 a 1922 no Porto, contextualizando-as em uma tradição que se inicia com o advento do liberalismo em Portugal. Para tanto referimo-nos, inicialmente, às várias imagens do país geradas no período que vai de Almeida Garrett ao advento da República. A seguir analisamos propriamente a citada revista, centrando nossa atenção nos três primeiros volumes, publicados de janeiro de 1912 a junho de 1913, em que é formulado, principalmente pelos saudosistas, um conjunto de imagens de Portugal através das quais são analisados o passado e o presente do país e propostas opções para seu futuro. Após rastreamos as principais características deste conjunto de imagens, ele é cotejado seja com o contexto mais próximo, o do pessimismo que caracteriza a literatura portuguesa no período 1890-1910, seja com o conjunto de imagens nacionais que foram elaboradas desde Garrett. Por fim fazemos breves referências aos demais volumes da revista em que a questão nacional sofre um esvaziamento cada vez maior.

ABSTRACT This work intends to analyse the images of Portugal in the second series of *A Águia* review, published between 1912 and 1922 in Porto. The first part refers to different conceptions of the nation that appeared during the period from Almeida Garrett to the proclamation of the Republic. The second part contains an analysis of the review itself, mainly interested in the first three volumes, published between January 1912 and June 1913, in which the nation's conception is chiefly elaborated by the saudosistas. This conception is later related to two traditions: the pessimism that characterizes the portuguese literature between 1890 and 1910, and the propositions on the nation elaborated since the birth of liberalism in Portugal. Since the nation's concept as a subject tends to disappear in the other *A Águia* volumes, the work ends with this consideration about them.

¹ Texto resultante da Tese de Doutoramento com o mesmo título apresentada ao Curso de Letras na área de Teoria Literária do Instituto de Estudos da Linguagem - Unicamp, no dia 30 de agosto de 1995, sob a orientação do Prof. Dr. Haquira Osakabe.

A revista *A Águia* foi lançada no final de 1910 no Porto. Sua primeira série teve curta duração, mas congregou uma série de intelectuais que fundaram, no final de 1911, a *Renascença Portuguesa*, sociedade que, já em janeiro do ano seguinte, lançou a segunda série da revista, que durou até dezembro de 1922. Esta série foi o objeto de estudo de nossa tese, em que tivemos como preocupação central as várias *imagens de Portugal* nela presentes, trabalho que tentamos parcialmente neste artigo resumir.

A presença da questão nacional em *A Águia* é parte de um processo mais amplo que percorre o segmento mais significativo das produções literárias e ensaísticas do período que vai do vintismo ao Estado Novo. Percorre vários textos deste período uma esperança no futuro do país que se concilia com uma visão negativa do presente. Esta união, expressa matricialmente no *Bosquejo da História da Poesia e Língua Portuguesa* de Garrett, acaba por atravessar textos tão díspares como as *Cartas da História de Portugal* de Herculano, o *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares* de Antero, a *História da Civilização Ibérica* de Oliveira Martins e “San Gabriel” de Pessanha, e também pode ser encontrada na esperança quase *milagrosa* que é depositada no advento da República. Existe uma esperança que é sempre um pouco desmedida, para além daquilo que, *racionalmente*, poder-se-ia esperar que ocorresse, que se concilia com a idéia de *decadência*, também ela recorrente, para a qual são formuladas múltiplas e variadas propostas de superação. Em alguns textos o passado é visto como um meio possível para esta recuperação, concepção que ganha as suas formulações mais importantes a partir da década de 50. Já em “O Bispo Negro” de Herculano, publicado inicialmente em 1851, a auto-confiança de um povo que pôde acreditar possuir um rei capaz de vencer os desígnios do Papa, aparece enquanto imagem que pode catalisar o país que, no presente, não mais crê em si. No final do século este mesmo passado será visto como caminho de redenção do presente, seja através de um retorno que se dará graças a um processo histórico circular, formado por *mortes e ressurreições*, como afirma Nobre em *Despedidas*, seja pela recuperação de características há muito perdidas pela raça, como ocorre com Gonçalo em *A Ilustre Casa de Ramires*. No conto “Civilização” a decadência não é de Portugal, mas dos *Jacintos estrangeirados* que mergulham no sonho europeu da supercivilização, e que só se recuperarão quando reencontrarem a simplicidade, guardada nos campos portugueses. Nesta obra, por estar atrasado, por não ter sido contaminado pelo sonho mau do progresso, Portugal poderá dar à Europa supercivilizada e infeliz aquilo que, no futuro, ela precisará.

Em outros textos encontramos propostas mais complexas. No *História da Civilização Ibérica*, o presente da península é visto como sendo uma *navegação*, que partindo do *velho mundo* busca por entre *nevoeiros* o novo *porto*, ou seja, a futura idéia-síntese que vai congrega a sociedade. Ao utilizar esta imagem marítima Martins acaba por criar um *topos* que será recorrentemente utilizado a partir de então. No poema “San Gabriel”, em que Portugal é uma nau em uma calmaria, o eu lírico pede a San Gabriel para que este de novo abençoe o mar e guie os portugueses à *conquista final*, “à nebulosa / Que do além vapura” onde “Fulgem as velhas almas namoradas... / Almas tristes,

severas, resignadas, / De guerreiros, de santos, de poetas.”². Apenas atingindo esta nebulosa, em uma viagem claramente espiritual, é que os portugueses poderiam chegar a um novo estado em que o *já feito* ganharia seu verdadeiro significado, em que a *navegação*, iniciada e interrompida no passado, seria finalmente completada.

Se estamos muito longe de esgotar as várias facetas da reflexão nacional no período anterior à segunda série de *A Águia*, já temos alguns dos elementos básicos a partir dos quais poderemos contextualizar as *imagens do país* construídas na revista.

No primeiro volume³ os autores dos textos de teor mais programático podem ser divididos em três grupos: o formado por Pascoaes e Pessoa, o de Vila-Moura e Joaquim Manso, e um terceiro, representado apenas por Raul Proença.

Pascoaes, em seus artigos “Renascença” e “Renascença (o espírito da nossa raça)”, considera que a decadência advém do estrangeirismo. Assim, é necessário reaproximar os portugueses da *alma nacional*, principalmente através de uma educação nacionalista, para que o renascimento do país, já então iniciado como o demonstra a nova poesia portuguesa em que *a Raça Portuguesa principia a sentir-se verdadeiramente revelada*, possa se consumir. O que só ocorrerá através da transformação da Saudade em deusa da nova religião portuguesa, Saudade que é por ele considerada como a herdeira dos dois grandes ramos religiosos do Ocidente - o pagão e o judaico-cristão - e a síntese que os supera, resposta lusitana à necessidade religiosa mundial.

Os textos de Pessoa, “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” e “Reincidindo”, se possuem várias especificidades em relação aos de Pascoaes, acabam por construir uma imagem de Portugal próxima à do autor de *Maranus*, já que vêm na literatura portuguesa a garantia de que o país está gerando a nova forma civilizacional do Ocidente.

Os artigos de Vila-Moura, “Palavras antipáticas - IVº estado - O estado artista”, e de Joaquim Martins Manso, “Da liberdade e seus detentores”, apresentam pressupostos bastante distintos dos presentes nos artigos de Pascoaes e Pessoa. Eles se dirigem a um país que está seguindo um rumo errado por nele existirem agentes que não estão credenciados a sê-lo: para ambos o povo, que teoricamente governa o país, é incapaz de exercer esta função, e ela deveria ser entregue aos mais capazes que, particularmente para Vila-Moura, são os artistas.

O texto de Raul Proença, “A situação política”, possui marcantes diferenças em relação aos demais. Proença vê Portugal como um país doente, e acredita que apenas um trabalho de transformação de seus governantes o poderá curar. Enquanto Pascoaes e Pessoa esperam a criação de um republicanismo que não imite os moldes franceses, e Vila-Moura e Joaquim Manso questionam a soberania popular e a liberdade, Proença pretende que os homens encarregados de comandar o país consigam ser fiéis a seus princípios e realizem obras que possam, dentro dos ideais republicanos, acabar com o caos em que o país vive.

Se podemos notar, por estes textos mais programáticos, que os saudosistas são apenas uma das vertentes presentes neste volume, devemos assinalar que Pascoaes é,

² PESSANHA, Camilo. *Clepsidra*. Póvoa do Varzim: Ulisseia, 1987. p.47.

³ Cada volume correspondia a seis números da revista, publicados ao longo de um semestre.

neste volume, a figura tutelar, ponto de referência em torno do qual se organizam um grande número de colaborações. Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Augusto Casimiro espelham e/ou reelaboram suas propostas. Vila-Moura, se não apresenta a messiânica esperança no futuro do poeta de *Maranus*, compartilha com ele da idéia de que existe um restrito grupo de *homens superiores*, composto basicamente por artistas, aos quais deveria ser entregue temporariamente, no ponto de vista pascoalino, o governo do país. Mesmo breves inéditos de Oliveira Martins e Antero de Quental, ambos escritos na época do *Ultimatum*, publicados neste volume, acabam por corroborar, ainda que de forma indireta, as idéias de ressurreição nacional apontadas por Pascoaes. Tudo isto faz do Saudosismo o grupo dominante.

Neste volume também começa a ser elaborada uma imagem que possuirá um papel fundamental no segundo: a que relaciona os poetas com o que poderíamos chamar de *novas navegações*, tópico como vimos presente em Oliveira Martins e Pessanha. Ela aparece em um poema de Jaime Cortesão, "Regendo a sinfonia da tarde", em que o eu lírico conclama os portugueses a embarcar "Para as Índias sem fim", pedindo para si, por ser poeta, "a mais alta gávea"⁴. Também está presente no poema "O poeta e a nau", de Augusto Casimiro, em que um marujo, ocupando a *gávea mais alta* de um navio imerso em uma calmaria, afirma "Porque o vento ha de vir aninhar-se nas velas! / Porque a nau voará - tocará nas estrelas!...", ao que o eu lírico acrescenta: "- O marujo é Poeta - e a nau... Portugal!"⁵. Aqui, como no poema "San Gabriel" de Camilo Pessanha, temos um navio imerso em uma calmaria, sobre o qual existe uma espécie de castigo e/ou maldição, expresso neste pela imagem de um mastro grande apontando para o espaço, que é visto como marca de um *destino fatal* ou de uma *maldição do inferno*. É este navio morto que o eu lírico de Pessanha pede que seja levado à *conquista final*, pedido que aqui se transforma na fala de um marujo que está na *gávea mais alta*, de onde afirma que o vento de novo inflará as velas, e fará com que o navio voe e toque as estrelas. Estas evidentes semelhanças entre os dois textos poderiam nos levar a supor que este poema é uma homenagem a Pessanha, mas, se esta relação parece pertinente, devemos notar que no contexto da revista uma outra é possível, já que certamente podemos interpretar o *poeta visionário* presente no poema como sendo Pascoaes. Assim este personagem pode ser ao mesmo tempo Pascoaes e Pessanha, ou a voz que, tendo ecoado pela primeira vez nos versos de Pessanha, agora se encarna na figura de Pascoaes. Voz que se amplificará no segundo volume, que agora analisaremos, em que vários serão os profetas deste *novo navegar*.

Um destes é Jaime Cortesão, que termina seu artigo "A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria" afirmando :

(...) a *Árvore da Raça* para que dê novos e belos frutos (...) tem de entranhar bem as raízes na Terra Mãe, banhar-se na seiva original e então os

⁴ CORTESÃO, Jaime. "Regendo a Sinfonia da Tarde". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.177.

⁵ CASIMIRO, Augusto. "O poeta e a nau". *A Águia*, 2ª série, v. 1. p.129.

*ramos subirão a perder de vista e as naus da aventura, instrumento do nosso Destino, hão de ir no Céu á descoberta das certezas divinas.*⁶

Também Pessoa, termina o seu conhecido artigo “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico” de forma profética:

*E a nossa grande Raça partirá em busca de uma Índia nova, que não existe no espaço, em naus que são construídas “d’aquillo de que os sonhos são feitos”. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal ante-arremêdo, realizar-se-há divinamente.*⁷

Esta esperança de retomada das caravelas, também aparece em “A Primeira Nau”, poema de Casimiro. Nele um gageiro, que havia partido na primeira nau, tem visões sobre o futuro, e afirma que vê “Portugal renascendo / Ao clarão de um novo dia...”⁸, ao que acrescenta:

*“Vinde ver, gentes inquietas!
“Naus ao mar... Povo ao Restelo!
“Os pilotos são Poetas...
“Eh! embarcar, navegar!...”*⁹

Esta imagem dos *poetas pilotando as novas naus das descobertas* percorre vários textos deste volume. Cortesão, em “Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos”, considerara que o *esforço de renascimento* que então ocorria se devia quase exclusivamente aos poetas. Este novo navegar, feito e proclamado pelos poetas, faz do próprio fazer poético e das análises sobre ele nesta revista realizadas, uma *nova navegação* em que o país se restaura e lança-se em outros mares em busca de Índias espirituais.

Esta visão da poesia como a garantia do grande futuro também é fundamental no “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”. Nele, como sabemos, Pessoa conclui que, filosoficamente, a poesia europeia chegará ao transcendentalismo panteísta, que, através de alguns exemplos, *prova* ser a metafísica da nova poesia portuguesa. A partir disto afirma:

E quaes são, emfim, as conclusões ultimas de quanto n’este artigo expuzémos? São aquellas em que atravez de todos os nossos artigos temos insistido. Se a alma portugueza, representada pelos seus poetas, encarna n’este momento a alma recémada

⁶ CORTESÃO, Jaime. “A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria”. A *Águia*, 2ª série, v. 2. p. 80.

⁷ PESSOA, Fernando. “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”. A *Águia*, 2ª série, v. 2. p.192.

⁸ CASIMIRO, Augusto. “A primeira nau”. A *Águia*, 2ª série, v. 2. p.132.

⁹ *Ibidem*. p.132.

da futura civilização europeia, é que essa futura civilização europeia será uma civilização lusitana.¹⁰

Se Pessoa consegue transformar a poesia portuguesa ao mesmo tempo em *eminentemente nacional* e em fruto de uma evolução mundial, este tipo de raciocínio tem sua origem matricial no interior desta revista nos textos de Pascoaes e também aparece em “Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos” de Jaime Cortesão em que o misticismo presente na nova poesia é considerado como sendo o mesmo que existiu em algumas das principais figuras da história portuguesa, sendo ela instrumento do ressurgimento da alma peninsular que havia ficado em um *encantamento de sonho* durante alguns séculos. Além disto, após citar trechos do livro *L'Evolution divine du Sphinx au Christ*, de Edouard Schuré, em que é afirmado que a Europa precisa de uma novo princípio religioso que deverá surgir pela arte, afirma que “a Arte portuguesa (...) realiza uma aspiração da Humanidade e está à frente dum grande movimento moderno”¹¹.

Podemos ver que Jaime Cortesão, Fernando Pessoa e Pascoaes acabam por construir um vasto painel em que algumas *verdades* são insistentemente repetidas. Portugal encontra-se em um momento genésico, de elaboração de uma nova síntese religiosa, momento este que é considerado como herdeiro de uma série de características, ou especificamente portuguesas e/ou mundiais, que estão há muito sendo geradas. Desta forma podemos entender como o fazer poético pode ser elevado à categoria de *novas descobertas*. Se os navegadores, graças ao esforço de navegar por espaços ainda não conhecidos e não anexados à cultura europeia, conseguiram dar à Europa o que ela então necessitava, estes *poetas-navegantes* partiam em uma aventura semelhante, a de construir uma nova síntese religiosa, *navegando* por territórios ainda inexplorados, territórios que a Europa precisava, na sua nova ânsia religiosa, de forma análoga à necessidade que tinha tido, no passado, das regiões descobertas pelos portugueses.

Ao lado deste conjunto de tópicos, praticamente inexistem outras imagens do país, o que dá a este segundo volume uma grande unidade. Isto já não ocorre no terceiro, em que temos um esvaziamento e esgarçamento da pregação saudosista gerados pela ausência de tópicos recorrentes. Também é uma constante neste terceiro volume a presença de textos que de forma indireta acabam por coincidir com uma ou outra das posturas saudosistas, mas que possamos caracterizá-los como intimamente ligados ao Saudosismo. Este esvaziamento não é compensado pela presença significativa de textos com posturas antagônicas a este movimento, característica que só encontramos no “Apostilha aos navegadores” de Sérgio. Assim estamos diante de um volume em que a postura em relação à realidade nacional se altera: o país se transforma em um tema constantemente referido, mas sem que este *referir-se* se concretize em propostas para o reerguimento de Portugal.

¹⁰ PESSOA, Fernando. “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico”. *A Águia*, 2ª série, v. 2. p.191.

¹¹ CORTESÃO, Jaime. “Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos”. *A Águia*, 2ª série, v. 2. p.123.

Após este breve sumário podemos analisar o conjunto das posturas saudosistas expressas nestes três volumes. Neles encontramos 33 textos relacionados direta ou indiretamente com este movimento, que podem ser assim divididos:

1. TEXTOS EM PROSA

1.1. Diretamente relacionados com as propostas saudosistas:

1.1.1. Volume I: “Renascença” de Teixeira de Pascoaes; “Renascença (o espírito da nossa raça)” de Teixeira de Pascoaes; “A Nova Poesia Portuguesa Sociologicamente Considerada” de Fernando Pessoa; “Reincidindo” de Fernando Pessoa.

1.1.2. Volume II: “A *Renascença Portuguesa* e o ensino da História Pátria” de Jaime Cortesão; “O Saudosismo e a *Renascença*” de Teixeira de Pascoaes; “Da *Renascença Portuguesa* e seus intuitos” de Jaime Cortesão; “Ainda o Saudosismo e a *Renascença*” de Teixeira de Pascoaes; “A nova poesia portuguesa no seu aspecto psicológico” de Fernando Pessoa.

1.1.3. Volume III: “Saudosismo e Simbolismo” de Teixeira de Pascoaes.

1.2. Relacionados indiretamente com as propostas saudosistas:

1.2.1. Volume I: “Uma fala de espíritos” de Leonardo Coimbra; “Inédito” de Oliveira Martins; “Uma carta para Manuel Laranjeira” de Teixeira de Pascoaes; “Inédito” de Antero de Quental; “*A Evolução da Vida* por Augusto Casimiro” de Vila-Moura; “*O Regresso ao Paraíso* por Teixeira de Pascoaes” de Leonardo Coimbra..

1.2.2. Volume II: “Águas religiosas” de Leonardo Coimbra; “O Pedreiro Cantador” de Jaime Cortesão.

1.2.3. Volume III: “Lettres Portugaises” de Philéas Lebesgue; “Renascença” de Teófilo Braga; “Gomes Leal” de Teixeira de Pascoaes; “Náufragos portugueses...” de Jaime Cortesão; “Sobre a distinção entre o pensamento platônico e o pensamento moderno” de Leonardo Coimbra; “Gomes Leal” (sem autoria); “Camões e a cantiga popular” de Teixeira de Pascoaes; “Elementos para o estudo da literatura nacional nos liceus” de Alfredo Coelho de Magalhães.

2. TEXTOS POÉTICOS

2.1. Diretamente relacionados com as propostas saudosistas

2.1.1. Volume I: “O Poeta e a Nau” de Augusto Casimiro; “Regendo a Sinfonia da Tarde” de Jaime Cortesão.

2.1.2. Volume II: “Versos de Aleluia” de Augusto Casimiro; “A Primeira Nau” de Augusto Casimiro.

2.1.3. Volume III: “Rezando oitavas” de Mário Beirão.

2.2. Relacionados indiretamente com as propostas saudosistas

2.2.1. Volume I: “Quinta das Lágrimas - Fonte dos Amores” de Augusto Casimiro.

2.2.2. Volume III: “Evocação Profética” de Carlos de Oliveira; “Romaria das Árvores” de António Cobeira; “Eu” de Alexandre Ferreira; “Da Comoção das Árvores” de Carlos de Oliveira; “A Luiz de Camões” de António Correia de Oliveira.

Esta divisão permite-nos notar que se os textos em prosa vinculados diretamente ao Saudosismo ocupam um papel preponderante nos dois primeiros volumes, praticamente inexitem no terceiro, o que confirma ser este último um volume em que, em certo sentido, a *pregação saudosista* se esvazia. Esvaziamento que é preenchido por textos ligados indiretamente ao movimento, que, obviamente, não poderiam ter o mesmo estatuto que os primeiros citados.

Também podemos notar que são quatro os autores vinculados diretamente às propostas do movimento cuja colaboração se mostra relevante: Pascoaes, Cortesão e Pessoa, na prosa, e Augusto Casimiro, na poesia. Esta constatação traz uma dupla surpresa: de um lado inclui um poeta hoje quase totalmente esquecido e de forma alguma considerado como um dos baluartes do Saudosismo, e de outro exclui Leonardo Coimbra, considerado como fundamental por muitos dos críticos que analisaram o movimento, mas que possui, pelo menos no tocante a propostas ou análises do país, uma posição bem mais secundária.

Analisando em conjunto os textos em prosa mais diretamente ligados ao Saudosismo, podemos notar que possuem em comum a crença, mais ou menos explícita, de um breve reerguimento do país, do qual, para seus autores, já existem indícios claros na atualidade. Todos os textos também tendem a considerar a decadência como fruto do estrangeirismo e a apontar que a grandeza futura será gerada pela criação de uma síntese marcadamente nacional que será uma resposta a uma necessidade mundial. Além disto a literatura, especialmente a poesia, é recorrentemente considerada uma garantia deste renascimento que já começa a acontecer.

Se destas conclusões centrais passarmos para os poemas mais diretamente ligados ao movimento, podemos verificar que os de Augusto Casimiro são uma reelaboração poética destas propostas, já que se centram nos temas do *reerguimento através das novas navegações* e do papel preponderante que os poetas ocupariam nas mesmas. O mesmo ocorre com o poema de Cortesão que atrás citamos.

A este núcleo inicial podemos acrescentar outras concepções recorrentes, que aparecem mesmo em vários textos relacionados apenas indiretamente com o movimento. Certamente a mais recorrente é a de que uma nova religiosidade, que pode ser a resposta a uma demanda mundial, está sendo gerada em Portugal. É esta a principal imagem que os Saudosistas possuem sobre o seu tempo.

Outro tema recorrente é o da continuidade das características de Portugal, que produzem uma originalidade deste país em relação às outras nações européias. Ele percorre praticamente todos os textos indicados, ganhando vários contornos, que não temos aqui o espaço necessário para esmiuçar. Devemos salientar que o próprio tema das *novas navegações* indica-nos claramente que para estes escritores existe uma continuidade, um certo aprendizado da raça, que a possibilita de se lançar a um novo *mar desconhecido*, como séculos antes se lançou ao Atlântico. Outro tema recorrente é o da vinculação da decadência com o estrangeirismo.

Os três temas que acima indicamos alargam o que havíamos anteriormente dito. Podemos perceber que estes três tópicos formam um todo que constitui a imagem básica que os saudosistas possuem sobre Portugal e sobre seu tempo. Esta imagem básica se estrutura a partir de uma dupla leitura: de um lado da história portuguesa e de outro da situação atual da Europa.

Portugal é visto como um país com características específicas que percorrem toda sua história. Se a decadência é fruto da invasão de idéias estrangeiras, que soterraram estas características por vários séculos, elas estão voltando a aparecer na atualidade, e o país está de novo se *nacionalizando*, principalmente através da nova poesia portuguesa, em que ocorre a recuperação de uma certa religiosidade peculiar à raça. Isto produz uma nova forma completa e total de analisar o mundo e seus fenômenos. Assim, a decadência, gerada pelo afastamento das características nacionais, agora se reverte, e Portugal volta a possuir características próprias, tornando-se novamente *inconfundível*.

É justamente nesta diferença, que de novo se configura, que reside a esperança da volta do papel de destaque que o país anteriormente possuiu. Para os saudosistas a Europa materialista e democrática à francesa busca uma nova síntese religiosa e/ou civilizacional, e é esta síntese que Portugal, recuperando/revelando suas características, poderá fornecer aos outros povos. Esta elaboração é para eles comparável às navegações realizadas no século XVI. Se no passado os portugueses saíram concretamente do velho continente em busca do caminho das Índias, processo que possibilitou à Europa toda a sua evolução posterior, agora que de novo o continente apresenta uma carência, desta feita de caráter espiritual, são de novo os portugueses que partem do porto seguro das certezas existentes, para o mar tempestuoso da criação desta nova síntese religiosa/civilizacional, como que refazendo e confirmando o papel pioneiro que tiveram no passado. Esta viagem está ocorrendo principalmente na poesia, sendo a concretização ou o prenúncio desta metamorfose pela qual o país está passando, e cujo efeito remoto será uma Europa nova e reestruturada.

Além destes existem outros temas, que aparecem em alguns textos, que estão vinculados a este conjunto de idéias. O mais importante deles é o da educação nacionalista. Como podemos notar, a importância desta educação se deve certamente à

concepção de que, se o país está recuperando suas características, isto ainda está em processo, e só poucos portugueses já conseguiram atingir este estágio. Assim cabe a estes trazer a grande massa, ainda imersa no *erro* do estrangeirismo, para esta nova situação. Intimamente relacionado com isto está a concepção de que cabe aos poetas o comando, mesmo que temporário, da nação. Se são estes que, já em um estágio superior, estão recuperando as características esquecidas do país e realizando a síntese necessária para a cultura européia, são eles que devem comandar a nação, e encabeçar a *cruzada educativa*, até que todo o país tenha atingido este mesmo estágio.

Se o que acima esboçamos pode caracterizar o pensamento saudosista nestes três volumes, ele só ganhará sua especificidade se o relacionarmos com a tradição que o precede. Podemos atribuir parte da influência sofrida por este movimento a certas tendências difusas, presentes no conjunto da cultura portuguesa que lhe é imediatamente anterior: como apontamos, uma certa esperança na recuperação do país é um dos grandes lugares comuns da cultura portuguesa desde Garrett, o mesmo também ocorrendo com o descompasso, por vezes gritante, entre estas esperanças e a realidade do país. Também podemos considerar que a *cruzada educativa* se enquadra nesta categoria: a necessidade de educar o povo é uma das marcas características do período que vai da geração de 70 até 1910¹², o que nos mostra que esta proposta se integra perfeitamente ao período, apenas possuindo a *cor nacional* que caracteriza todas as concepções deste movimento. Também é uma tendência geral da cultura européia neste período uma certa descrença no materialismo e revalorização do religioso e do irracional, aspectos que aparecem na *leitura* que os saudosistas fazem do estado cultural e moral da Europa de então, e que permitem que vejam na nova síntese religiosa em processo na literatura portuguesa uma resposta a uma demanda européia. Também a formulação de que o futuro esplendor será, em certo sentido, uma volta a um antigo estado de potência que terminará com a impotência presente, é uma das constantes a partir de *Causas da decadência*. Aqui, porém, os saudosistas efetuam algumas reformulações importantes que mais à frente explicitaremos.

Se estas são influências que surgem esparsas em várias obras anteriores à publicação da revista e que acabam por serem sintetizadas em algumas propostas do movimento, existem outras características que estão relacionadas a influências mais específicas. Não temos aqui o espaço necessário para delas tratar e, assim, apenas analisaremos algumas das características gerais da forma como o Saudosismo as incorpora.

De início devemos assinalar que praticamente todos os principais tópicos abordados pelos saudosistas encontram matrizes no período anterior à segunda série de *A Águia*. Assim, para entender a especificidade deste movimento, temos de verificar que tipo de transformações ele efetua sobre estas obras que lhe são anteriores.

A mais comum é a da *aproximação temporal*. Com este termo queremos indicar que aquilo que, em várias das obras anteriores, era visto como uma possibilidade futura, para o Saudosismo já está ocorrendo no presente, ou no mínimo faz parte de um

¹² Cf. MARTOCQ, Bernard. "Le pessimisme au Portugal (1890-1910)". *Arquivos do Centro Cultural Português*, v 5. p.452-456.

processo que já se iniciou. São vários os tópicos que passam por este tipo de *aproximação*. Desde a esperada recuperação futura da grandeza passada, até o abandono da *supercivilização* pela Europa, passando pela criação em Portugal de uma síntese para a cultura europeia, pela recuperação das características nacionais, por um *novo navegar* que restaure o país, para citar apenas alguns dos aspectos, a visão saudosista sempre tende a considerar tudo isto como em processo ou em vias de se consumir. Parece existir, nas propostas deste movimento, uma espécie de *urgência* conjugada com um profundo *otimismo*, já que esta *aproximação* é sempre de características positivas.

Outra tendência marcante do movimento é a de *nacionalizar* as questões e soluções apresentadas pela tradição. Neste aspecto estamos pensando não só na nacionalização que ocorre na tendência educativa, mas também na visão que possuem de que o problema da decadência, e de uma possível restauração, se restringe ao binômio características nacionais versus estrangeirismo. Em certo sentido a própria leitura que faz do futuro, de um Portugal restaurado fornecendo a uma Europa decadente, já que descrente do materialismo que caracteriza a sua superioridade, a síntese de que ela necessita, pode ser vista como uma exacerbação desta tendência de ver nas características do país algo superior ao que existe fora de Portugal. Se acima havíamos notado que existe um grande *otimismo* sobre o que pode o país utilizar, a partir desta segunda tendência podemos pensar que este otimismo em parte advém de uma crença nas *potencialidades espirituais* que o país possui.

Uma terceira tendência também marcante é o papel primacial que é dado à literatura e em especial à poesia, fazendo com que muito da ação que em obras anteriores esperava-se que fosse apenas incitada e/ou profetizada pela poesia, transforme-se em algo que a própria poesia está realizando. Assim o *fazer literário* é mais que uma construção estética, é, para este movimento, uma das mais potentes formas de ação sobre a realidade.

Conjugada a estas três tendências está a quarta, a característica *espiritualista* do movimento. O que assim designamos é não só a tendência de recuperar da tradição principalmente aquilo que tenha um caráter espiritual, mas também a de considerar que os problemas materiais se resolvem automaticamente quando os espirituais estão resolvidos. Este espiritualismo está relacionado com as tendências que apontamos: o problema português é de *alma*, e não de matéria, o problema europeu também é de *alma*, já que possui matéria até em demasia, e em certo sentido é esta alma que está sendo reelaborada e recuperada pela poesia portuguesa que poderá dar uma nova vida ao *corpo* europeu que dela necessita.

Todos os outros aspectos que analisamos em nossa tese são, de fato, laterais diante destas quatro tendências, que caracterizam a forma peculiar como o Saudosismo se apropria das tendências que lhe são anteriores. Temos assim um movimento basicamente *otimista*, que acredita nas *potencialidades do país*, que aposta na *virilidade* de sua literatura - capaz não só de transformar Portugal mas de fornecer a *alma* de que a Europa necessita -, e que encara o presente como um momento de *transformação positiva*. Estas características mostram o abismo que separa o Saudosismo do pessimismo que, segundo vários críticos, caracterizou principalmente o período que vai

de 1890 a 1910, se não toda a metade final do século XIX. Obviamente não temos aqui o espaço necessário para analisar minimamente esta corrente pessimista e sua relação com as propostas saudosistas. Queremos apenas apontar que em nossa tese pudemos verificar que todos os principais intelectuais e escritores que são, de uma ou outra forma, incorporados pelo pensamento saudosista, também são aqueles que se ligam, direta ou indiretamente, à corrente pessimista, e que em alguns casos as mesmas obras que são consideradas por alguns críticos como características do pessimismo também são fontes do Saudosismo, como ocorre com “San Gabriel” e *História da Civilização Ibérica*. Este aparente paradoxo pode porém ser explicado, se pensarmos que o pessimismo é apenas uma das facetas, por vezes preponderante, do pensamento português no século passado e no início deste.

Como notamos, ao lado de muita desistência e desânimo, uma constante deste período é uma esperança, por vezes tênue, em outras mais explícita, na possibilidade de reerguimento nacional. Certamente no final do século, após o trauma do *Ultimatum* e da frustrada tentativa de implantação da República, o tom dominante seria fatalmente o pessimista. A isto ainda devemos somar o fato de que este pessimismo não era exclusivo de Portugal, mas característico da cultura europeia de então. Mas, mesmo durante este período, este pessimismo ladeava com algumas esperanças por vezes descabidas, irreais, mas presentes.

Neste sentido o Saudosismo é, no início do século XX, o herdeiro direto desta esperança, sempre possível e quase sempre frustrada, que percorre a cultura portuguesa desde o vintismo. Os materiais para a criação do edifício saudosista achavam-se nesta cultura, por vezes soterrados por camadas de pessimismo e impotência, e bastava apenas que fossem desenterrados e organizados de forma tal que pudessem gerar uma nova proposta nacional. Assim, a proposta Saudosista é, de fato, uma releitura de todo o passado cultural imediato, que tenta opor um otimismo e uma vontade de potência ao pessimismo e impotência que caracterizam muito da cultura portuguesa de então. Nestes dois curtos anos em que foram publicados os três volumes que analisamos, os saudosistas acreditam que detêm o que consideram a chave necessária para realizar o que, segundo Joel Serrão, foi o objetivo de todo o liberalismo português: regenerar o país.

Não importa tanto, culturalmente, se estas propostas eram ou não válidas e exequíveis. Importa mais verificar que este movimento acaba por realizar uma síntese de toda a esperança que, mais ou menos explícita, percorre a cultura portuguesa do século XIX, construindo uma auto-imagem nacional radicalmente diversa da proposta pelos pessimistas e mesmo pelos republicanos, em parte também tributários desta visão otimista, já que estes continuavam a ter na *Europa culta* um modelo em vista do qual Portugal só poderia ser um país menor e inferiorizado. O Portugal, construído pelo Saudosismo, depende exclusivamente de suas potencialidades nacionais e pode mesmo, para este movimento, vir a ser, se corretamente encaminhado, o *mestre espiritual* de uma Europa perdida em incertezas.

Este grande edifício de esperanças, como já havia ocorrido com vários outros, irá rapidamente desmoronar, e com ele também desaparecerá a importância que o tema nacional teve nas páginas de *A Águia*.

Nos três volumes subsequentes de *A Águia* o centro da discussão sobre Portugal vai se deslocar para a polêmica entre Teixeira de Pascoaes e António Sérgio, e já neles podemos notar que o Saudosismo, enquanto proposta de um grupo coeso, desaparece, o que faz de Pascoaes uma figura cada vez mais isolada, sem que com isto outras imagens do país, excetuando-se as elaboradas por Sérgio, venham a ganhar destaque na revista.

Nos volumes subsequentes existe uma clara diluição da problemática nacional. Até o décimo, ela ainda persiste, mas aparece recorrentemente vinculada com a defesa da participação de Portugal na Primeira Grande Guerra, vista como uma possível saída para os problemas do país. Após este volume, os poucos textos em que esta problemática aparece têm como tom geral o de propor a melhora do país através da adaptação de modelos estrangeiros. Por fim, a partir da segunda metade do décimo sétimo volume, *A Águia* passa a ser impressa no Brasil, o que acarreta uma última mudança no perfil desta série da revista, já que os assuntos ligados ao Brasil passam a ocupar um espaço bastante significativo.

Se quisermos definir em poucas palavras a trajetória de Portugal nas páginas desta segunda série de *A Águia* temos de, parodiando o título de nossa tese, concluir que ela vai da esperança à decadência. Se nos primeiros volumes Portugal é um país à beira de se transformar em centro espiritual do mundo graças a suas características próprias, graças, em parte, a seu próprio atraso, no final desta série a decadência deste tema chega a tal ponto que Portugal nem é mais questão nesta revista que não mais pode ser considerada como portuguesa.